

O mundo não acabou. Vamos lutar pela paz!

P. 2

O que fazemos com as lições de Jesus P. 11
Educação e ação = um mundo melhor P. 9
Preso, mas com a mente livre P. 6
Curas espirituais P. 12

Trote: infantil e cruel P. 5

Pacientes pós-coma P. 7

Paz, o nosso objetivo ma

Independentemente de acreditar ou não, o mundo esperou para ver se seu fim se daria ou não no último mês, conforme interpretação de previsões maias. Nada aconteceu, mas, sem dúvida, a movimentação pelo fato provocou, no mínimo, várias discussões e análises sobre o planeta começar ou não um novo ciclo. Neste início de ano, em meio a um turbilhão de pensamentos, anseios e metas para os demais dias que virão, temos a certeza de que o que precisamos mesmo é de paz. A paz dentro de nós mesmos, que nos faz ser pessoas melhores e desenvolver uma cadeia em cascata de pensamentos e ações que também farão deste mundo um lugar melhor para se viver.

A revelação dentro da "revelação"

Jorge Daher

A consulta do sr. Abdel Karim deveria ser apenas para avaliação de alguns exames rotineiros, realizados antes do apazado por decisão de viajar à Palestina em visita aos filhos. Não foi uma consulta rápida como eu previra, demoramo-nos por demais falando das areias quentes da Jordânia e principalmente da tensa relação dos povos árabes e iranianos com Israel. Meu paciente saiu do consultório deixando o contentamento e uma certeza que me causou temor – a civilização nasceu às margens do Tigre e Eufrates e corria o risco de ter seu final nas montanhas da Anatólia.

O temor de uma guerra nuclear não é apenas meu e de meu paciente, mas de uma parcela significativa da população

esclarecida em todo o mundo. E a pergunta que surge é intrigante: quais as consequências de uma catástrofe atômica?

Em 1979 o *Office of Technology Assessment* (OTA), do Congresso Americano, publicou um longo opúsculo chamado *Os Efeitos da Guerra Nuclear* (*The Effects of Nuclear War*, disponível em <http://www.fas.org/ota/reports/7906.pdf>), e dedicou sua segunda parte aos efeitos globais de uma catástrofe nuclear. Em 1983 a Nasa publicou um relatório assinado por Carl Sagan, da Cornell University, R. P. Turco, da R&D Associates e O. B. Toon, T. P. Ackerman e J. B. Pollak, da Nasa Ames Research Center. O relatório da agência espacial americana chamou-se *Global Atmospheric Consequences of*

Nuclear War e pode ser encontrado em http://ntrs.nasa.gov/archive/nasa/casi.ntrs.nasa.gov/19900067303_1990067303.pdf.

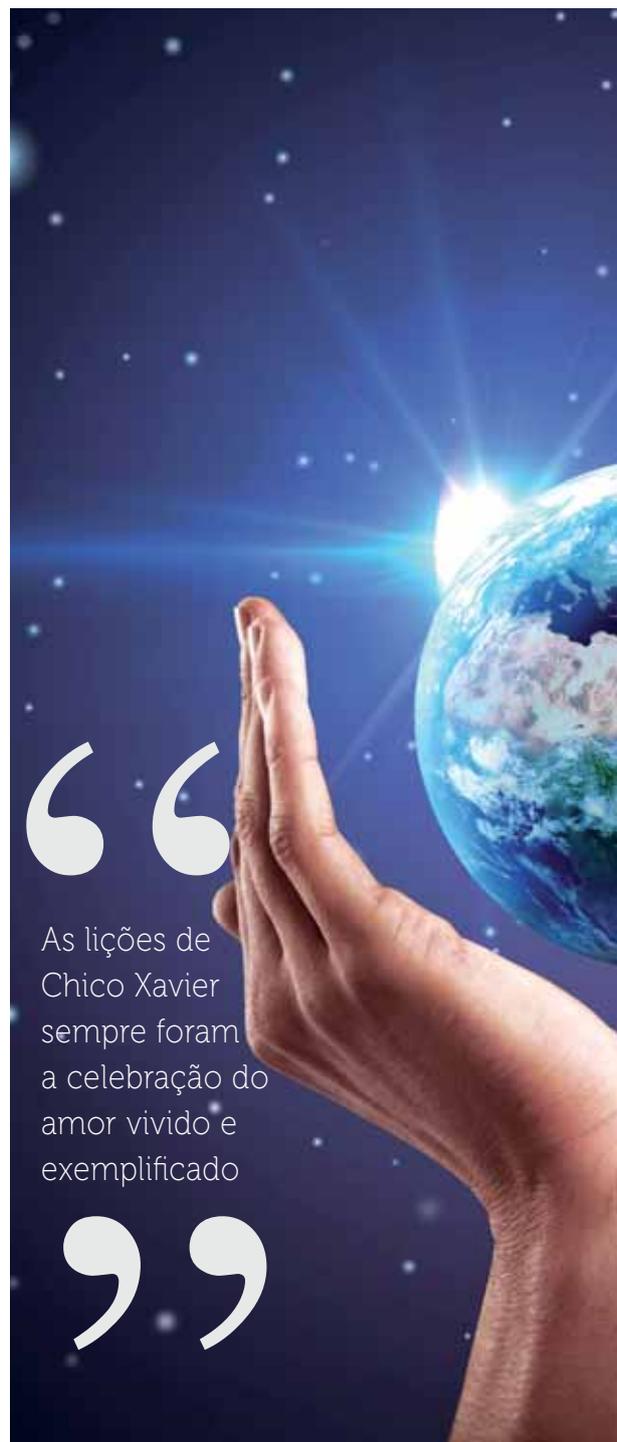
Em resumo sobre as consequências climáticas e planetárias dos dois longos estudos, utilizando poucas linhas, considero como mais alarmante o resfriamento do Hemisfério Norte, que alcançaria temperaturas estimadas entre -150°C e -200°C, após um a dois meses, além da mudança do eixo planetário. Os autores consideram que uma carga de apenas 100 megatons seria responsável por essa devastação, causada pela fumaça iônica e de incêndios, que cobriria por completo as radiações solares. Não considerarei as consequências médicas – uma epidemia dos mais variados tipos de câncer.

O atual presidente do Irã ardeu ser condutor de um povo que detém não apenas a tecnologia de uma bomba nuclear, mas também de armas. O premiê israelense respondeu que essa afirmação era uma ameaça ao Estado de Israel, que responderia no mesmo tom, ou na mesma equivalência de megatons. Uma troca de bombas entre os dois países alcançaria rapidamente a soma devastadora (uma bomba da antiga URSS, chamada tsar, ou czar, possui 57 megatons).

Concretizada a ameaça, imaginemos um hemisfério gelado entre 4 e 8 semanas. A mobilização de povos, provocando uma corrente migratória sem igual em direção aos países do Hemisfério Sul, levaria à invasão das nações abaixo do Equador, sem qualquer convite, como imposição de sobrevivência. Isso não é uma revelação, é uma realidade que pode se efetivar.

Transição planetária

Em fevereiro de 2011 a *Folha Espírita* iniciou uma série de artigos, assinados por Marlene No-



As lições de Chico Xavier sempre foram a celebração do amor vivido e exemplificado

ior



bre, que tratavam de revelações de Chico Xavier sobre a transição planetária. Fui alertado pelo amigo Weimar Muniz que nossa amiga em comum resolvera publicar verdades que eles e Geraldo Lemos Neto guardavam há quase 30 anos. Em abril de 2011 conheci os originais da obra *Não Será em 2012*, que detalha a hoje chamada profecia de Chico Xavier e amplia os artigos publicados na *Folha Espírita*. Marlene havia falado, era chegada a hora de todos partilharmos uma revelação recebida pelo maior médium de todos os tempos.

Os que se espantam com o que foi escrito na obra não percebem que o caráter de revelação nos dizeres de Chico Xavier não foi a catástrofe telúrica, mas justamente o contrário, se evitarmos uma explosão nuclear até 2019, teremos uma transição tranquila ao Terceiro Milênio.

O outro aspecto de revelação é que o Brasil e seu povo exercerão o papel de Pátria do Evangelho na capacidade de renúncia cristã para abrigar os irmãos de outras terras, mesmo que de início haja a imposição pela intimidação armada (*Não Será em 2012*, pág. 54).

As lições de Chico Xavier sempre foram a celebração do amor vivido e exemplificado. Ao compartilhar com amigos íntimos a ocorrida terceira reunião das potências angélicas, estendeu-nos não a revelação do caos e da catástrofe, mas inicialmente a esperança e depois o chamamento ao necessário testemunho, pois, afinal, como disse nosso Chico ao Geraldinho, caso ocorra o pior desfecho, (o Brasil) "... seria então chamado mais diretamente a desempenhar o seu papel de Pátria do Evangelho, exemplificando o amor e a renúncia, o perdão e a compreensão espiritual perante os povos migrantes". (*Não Será em 2012*, pág. 53)

CHICO XAVIER E O PAPEL DO BRASIL NA TRANSIÇÃO

Da Redação

É natural que cause estranheza a revelação de Chico Xavier quanto à data-limite do Velho Mundo, conforme divulgada no livro *Não Será em 2012*, sobretudo, se ocorrer a segunda hipótese, a de uma guerra nuclear.

Uma parcela da comunidade espírita acredita ter privilégios especiais por pertencer "à Pátria do Evangelho". Os que têm essa mentalidade cultivam a ideia de que são flores de estufa, e, naturalmente, estão isentos de sofrimento nas lutas da transição.

Uma leitura isenta e mais acurada de Kardec (capítulos XVII e XVIII de *A Gênese*), um conhecimento maior das Profecias do Cristo (Evangélista Mateus, capítulo 24, Lucas, 21, e Marcos, 13) e um estudo mais amplo das revelações de Emmanuel, mudariam para melhor essa mentalidade ingênua, baseada em privilégios especiais injustificáveis.

Se receber uma carga de 100 megatons, o equivalente a duas bombas atômicas, a Terra não resistirá. "Exausto de receber os fluidos venenosos da ignomínia e da iniquidade de seus habitantes, o próprio planeta protestará contra a impenitência dos homens, rasgando as entranhas em dolorosos cataclismos." Essa revelação do Cristo, divulgada por Emmanuel (*Há Dois Mil Anos*, cap. VI, 2ª parte), não deixa dúvida quanto ao alcance da destruição global.

Mas o Mestre espera reconstruir tudo o que for passível de novo aproveitamento. "Trabalharemos com amor na oficina dos séculos porvindouros, reorganizaremos todos os elementos destruídos..." E, "quando as instituições terrestres reajustarem a sua vida na fraternidade, na paz e na justiça, depois da seleção natural dos Espíritos e dentro das convulsões renovadoras da vida planetária, organizaremos para o mundo um novo ciclo evolutivo..." Assim prometeu o Cristo no livro biográfico de Publío Lentulus. Nosso objetivo, portanto, nos próximos sete anos do prazo que nos resta, é o cultivo da paz. Para isso devemos estar alertas, aplicados, humildemente, à vivência das lições de Jesus.

EDITORIAL

ATUALIDADES

Rossandro Klinjey

2012 chegou ao fim. Feliz mundo novo!

Enfim, 21 de dezembro de 2012 chegou e o mundo não acabou. Terminou, então, o grande frisson, que ganhou proporções ainda maiores com o filme 2012, lançado em 2009, que retratava eventos cataclísmicos iniciados a partir do superaquecimento do núcleo da Terra, que, ao aquecer a um ritmo sem precedentes, provocaria o deslocamento da crosta terrestre.

Mas o que será que esperavam as pessoas que acreditavam nessa data-limite para o mundo? Talvez um indício do reflexo humano ante essa notícia possa ser observado diante do que vimos acontecer nos últimos tempos, o que não é nada animador. Tendo como base o medo e a falta de esperança, e por que não dizer até mesmo falta de informação, vimos milhares de pessoas tentando se livrar da possível catástrofe investindo milhares de dólares na compra de bunkers (abrigos subterrâneos). Isso mesmo. Nos últimos dois anos e com a proximidade de dezembro, a venda desses abrigos cresceu dez vezes, ou seja, diante do inesperado e desconhecido, os seres humanos preocuparam-se em salvar a si mesmos, e isso ainda sem se esquecerem do conforto necessário para a sobrevivência, cercados de luxo e tecnologia em cabines que tinham até mesmo TV a cabo. Será que o intuito desses bem-afortunados que conseguiriam salvar a própria pele

nesses luxuosos abrigos era assistir a transmissão ao vivo da destruição dos povos e nações, enquanto usufruíam de toda a segurança e conforto que suas posses lhes proporcionaram?

Realmente, sobrevivemos a 21 de dezembro de 2012, mas talvez a sobrevivência possa ser encarada como uma verdadeira moratória, aliás, descrita por Chico Xavier no livro Não Será em 2012, na qual o Mestre Jesus nos dá mais uma oportunidade para promovermos os cataclismos internos, destruindo de forma profunda e irreversível a maneira com que enxergamos a vida, restritos à pequenez do nosso orgulho e da nossa vaidade. Cremos que a prova concreta de que é necessário revisar nossos objetivos e ideais está nesse comportamento ainda individualista e egocêntrico que temos. Enquanto estivermos mais voltados para a garantia de nosso luxo e conforto material, sem falar no egoísmo de promover nossa salvação sem nos importarmos com a coletividade, estaremos muito mais próximos de vivenciar nos anos subsequentes cenas de dor e destruição que tanto amedrontou a muitos no ano que se findou.

Oremos pelo despertar da humanidade e façamos nossa parte construindo em 2013 mais uma etapa de nossa transformação moral. Daqui para a frente, em vez de um feliz ano novo, que vivamos um feliz mundo novo!

“Improvise o conforto de uma criança menos feliz”

Folha Espírita

FUNDADOR: Freitas Nobre (1974)
 DIRETORA RESPONSÁVEL: Marlene Nobre | DIRETOR DE REDAÇÃO: Paulo Rossi Severino | JORNALISTA RESPONSÁVEL: Cláudia Santos MTB - 21.177 | DIRETOR COMERCIAL: Fábio Gandolfo Severino | CRIAÇÃO - PROJETO GRÁFICO E SITE: MaçãV Comunicação www.maçav.com.br | DIAGRAMAÇÃO: Sidney João de Oliveira | SITE - PROGRAMAÇÃO: www.aboutdesign.com.br | REVISÃO: Sidônio de Matos | ASSINATURAS: Ana Carolina G. Severino carol@folhaespirita.com.br | EXPEDIÇÃO: Arnaldo M. Orso "in memória" Sílvio do Espírito Santo Alencar Lerne Martins

Folha Espírita é uma publicação de FE - Editora Jornalística Ltda. - Av. Pedro Severino Jr., 325 - São Paulo - SP - CEP 04310-060 - Telefax: (11) 5585-1977 - CNPJ: 44.065.399/0001-64 - Insc. Mun. 8.113.8970 - Insc. Est. 109.282.551-110. Periodicidade: Mensal - www.folhaespirita.com.br - e-mail: folhaespirita@folhaespirita.com.br

Trote: entre

Por que rir da desgraça alheia gera tanto prazer nas pessoas? Para essa pergunta não existe uma resposta simples, mas depois do suicídio da enfermeira Jacintha Saldanha, que trabalhava no hospital King Edward VII, em Londres, a atenção das pessoas voltou-se para as consequências advindas dessa prática infantil e nefasta. Se o suicídio mostra o lado extremo e trágico, não menos importantes são os efeitos psicológicos que afetam a vida das vítimas de trote.



INSTITUTO BAIRRAL
Clínicas Psiquiátricas

Tratamento em unidades específicas para cada perfil diagnóstico, cada uma delas dotada de sua própria equipe técnica multiprofissional. As edificações situam-se em meio a 40 hectares de área verde, dispoendo em sua infra-estrutura de piscinas, quadras poliesportivas, gramados de futebol, cancha de bochas, quadras de tênis, cine-teatro, ateliês de terapia ocupacional e extensas áreas de convívio.

O Instituto Bairral é mantido pela Fundação Espírita "Américo Bairral", entidade filantrópica sem fins lucrativos, e localiza-se a 170 km de São Paulo, na região das estâncias de Águas de Lindóia e Serra Negra. Mantém convênios com as principais entidades e planos de saúde.

Rua Dr Hortêncio Pereira da Silva, 313 - Fone (19) 3663-9400
 ITAPIRA (SP) - CEP 13970-905
 E-mail: bairral@bairral.com.br - Site: www.bairral.com.br

ENTRE EM SINTONIA COM A ESPIRITUALIDADE

RÁDIO RIO DE JANEIRO

Colabore com a Emissora através do Clube da Fraternidade!

Ouçá e informe-se no site: www.radioriodejaneiro.am.br

A RÁDIO QUE
TODA A FAMÍLIA
PODE OUVIR



1400 AM

o infantil e o cruel

Quando ligamos para alguém para “brincar” com suas emoções, não sabemos com quem estamos falando e quanto podemos afetá-lo. Os que praticam trote desconhecem, por exemplo, que na “brincadeira” podem evocar, involuntariamente, a memória de um evento traumático do passado da vítima, que pode resultar em efeitos devastadores.

Uma pesquisa feita nos Estados Unidos revelou que 71% das vítimas de trote ficam com alguma consequência negativa após o evento, podendo incluir: instabilidade física, emocional; privação de sono; reprovação escolar; dificuldade nos relacionamentos; síndrome de estresse pós-traumático; além de danos à reputação, que geram fortes sentimentos de vergonha.

A reação das pessoas varia de indivíduo para indivíduo, de forma que alguns podem entender como brincadeira e depois também rir da situação. Mas, e se a pessoa que recebeu a ligação estiver vivenciando uma forte depressão? Passando por um processo recente de luto? E se tiver sido vítima de abuso sexual na infância? Ou sofrer de paranoia? As consequências serão imprevisíveis.

A Constituição brasileira (1988) preconiza que “(...) ninguém será submetido à tortura nem ao tratamento desumano ou degradante.” Ou seja, o trote é antes de tudo um crime.

Existem várias formas de trote, os mais convencionais são via telefone, bem como aqueles feitos nas universidades, nos quais o indivíduo é exposto ao ridículo e a situações degradantes na frente dos demais, e que em alguns casos culmina com morte da vítima.

Essas experiências começam quando não damos a devida atenção a fenômenos como o bullying na infância, que depois se converte em assédio moral na vida adulta. Todas são manifestações da inferioridade moral de quem as pratica e são formas de humilhar e degradar o outro, algo que remonta a tempos distantes e já era advertido pelo próprio Cristo, conforme narrativa do evangelista Mateus (5:22): “Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será réu do sinédrio;



e qualquer que lhe disser: Louco, será réu do fogo do inferno.”

Mas, tentando responder em parte à questão provocativa do início deste artigo, do porquê rir da desgraça alheia gera tanto prazer nas pessoas, podemos perceber que rir ou falar mal dos outros é uma das formas de se esquecer da vida mediocre que se tem, sendo também uma fuga para o desencontro da própria alma, o descontentamento consigo mes-

mo. Uma projeção de nossa sombra, de nosso próprio ridículo nos outros.

Precisamos focar nossos esforços em nossa própria existência, construindo as virtudes que tanto almejamos, buscando no próximo uma identificação através do sentimento de amor que, como afirma Paulo, o Apóstolo dos Gentios, “é paciente, é prestativo. Nada faz de inconveniente. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.”

“

Uma pesquisa feita nos Estados Unidos revelou que 71% das vítimas de trote ficam com alguma consequência negativa após o evento

”

CAMPANHA

Na prisão, mas com a mente livre

O colunista da *Folha Espírita*, Richard Simonetti, está promovendo campanha entre os espíritas para estimular os que frequentam presídios a distribuir um dos seus livros, *Fugindo da Prisão*, aos detentos. "Ele é dirigido às pessoas que cumprem penalidade nas penitenciárias, embora possa ser apreciado por qualquer leitor, em face dos princípios doutrinários ali apresentados, em linguagem extremamente simples, enriquecida por histórias e citações edificantes, principalmente de cunho evangélico", declara o autor.

Folha Espírita – Que proposta você traz nessa obra?

Richard Simonetti – A ideia é mostrar aos sentenciados que eles podem viver em paz, mesmo segregados, desde que tenham a mente livre. A verdadeira prisão não tem grades, está dentro do indivíduo, quando dominado por pensamentos viciosos, perturbadores, infelizes, que o

induzem, não raro, a cogitar do suicídio. Lembro a história de um escravo africano, situação terrível, em que o homem não é dono de si. Tem um proprietário que pode fazer dele o que lhe aprouver. No entanto, esse escravo vivia bem, feliz, porquanto era profundamente ligado a Deus. Jamais começava o seu dia sem pedir a bênção de seu Pai. E dizia, com singeleza: "Sinhô, preto veio tá qui." Apenas algumas palavras, não sabia muitas... mas havia ali o coração de um filho de Deus que não queria iniciar seu dia sem a bênção de seu Pai. Quem o faz, empenhado em cumprir os designios divinos, estará sempre bem, ainda que numa penitenciária.

FE – Além das vendas normais, em livrarias, bancas e clubes de livro, é distribuído nas penitenciárias?

Simonetti – Exatamente. Para tanto vários confrades têm efetuado campanhas, arrecadando recursos para que

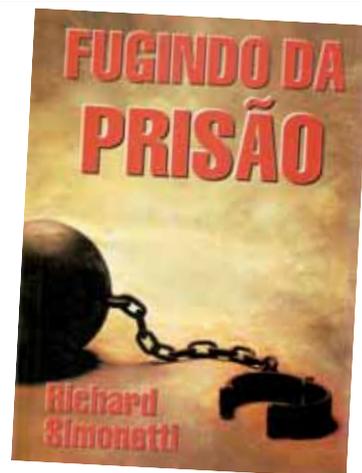
cada prisioneiro interessado receba um exemplar. A CEAC Editora, que publicou o livro, está fazendo um preço especial para campanhas dessa natureza. Apenas 5 reais.

FE – Qual tem sido a receptividade ao livro?

Simonetti – Muito boa. Sempre que pessoas se mobilizam e se organizam, os resultados são excelentes com sentenciados dispostos à leitura, porquanto o texto é bem instigante, abordando aspectos do cotidiano que interessam a todas as pessoas, particularmente àquelas que estão numa prisão.

FE – Há algum problema levantado pelas autoridades penitenciárias na distribuição do livro?

Simonetti – Tudo o que serve para manter os sentenciados tranquilos é sempre bem recebido. Mas já houve o



caso de um delegado que proibiu sua distribuição, sob a alegação de que o livro seria subversivo, porquanto se destinava a ensinar métodos de fuga aos sentenciados. A ignorância também veste colarinho branco. Faltou o bom senso de ler o livro antes de tão lamentável decisão.

FE – Como devem proceder os grupos que se interessem pela distribuição de *Fugindo da Prisão* nas penitenciárias?

Simonetti – Devem entrar em contato com a CEAC Editora, por meio do telefone (14) 3366- 3232, em Bauru (SP), ou pelo e-mail editoraceac@ceac.org.br

VOCÊ GOSTARIA DE AJUDAR A EXPANDIR O ESPIRITISMO NA TV?

Associe-se agora mesmo! Acesse:
WWW.AMIGOSDOESPIRITISMO.COM.BR | 61 3038.8411

REDE BOA NOVA DE RÁDIO
A COMUNICAÇÃO EM PROL DE UM PLANETA DE REGENERAÇÃO.

Sintonias Via Rádio		Sintonias Via Parábola	
Grande São Paulo	Rádio Boa Nova 1450 AM	Parabólica Analógica	Leilão TV (Canal do Boi) Altere áudio para 6,2Mhz
Sorocaba e Reg. Sudoeste	Rádio Boa Nova 1080 AM	Satélite C2	Polarização Horizontal Frequência 1280 Mhz
Mococa -SP	Rádio Boa Nova 1160 AM	Parabólica Digital	Polarização Horizontal Banda C 3.964 Mhz Symbol Rate a 1875 MSB/s
Sul de MG SP e Sul do RJ	Rádio Cruzeiro RC Vale 720 AM	Rádio Via Internet	
Juazeiro BA Petrolina PE	Rádio Cidade 870 AM	www.radioboanova.com.br	
Argentina Santo Tomé	São Borja e região / RS 92,1 FM	OnLine (ao vivo) OffLine (gravado)	

Clube Amigos da Boa Nova - 0800 12 18 38
Cada vez mais cresce a conscientização e as atitudes em prol da caridade da palavra, do esclarecimento, do consolo. Através de contribuição mensal, os sócios do clube possibilitam um conjunto de ações de sustentação espiritual e equilíbrio de milhares de pessoas.

RBN
Rádio Boa Nova
Emissoras da Fundação Espírita André Luiz

LANÇAMENTO
UMA OBRA DE EDSON CARNEIRO

Neste romance, aprendemos o lado espiritual da infância e mocidade, acompanhando Manuel que vive essas idades num leprosário. São duras fases de provas e expiações, planejadas antes do nascimento e que ele vai vencendo com o amparo da Providência Divina.

Gênero: Romance Mediúnico
16 x 23 cm | 320 páginas | R\$ 28,00

Rua Major Diogo, 511 - Bela Vista - CEP
01324-001 - São Paulo - SP
www.editoraalianca.com.br -
distribuidora@editoraalianca.com.br

Aliança

NOTÍCIA DAS AMES

Arlete F. Kaufmann

“Pacientes que saem do coma descrevem o que escutaram e viram”

Danielle Vermeulen é doutora em Antropologia Social e Sociologia Comparada. Nasceu em uma antiga colônia francesa, na Argélia, mas atualmente vive na Córsega. Autora do livro *NDE et Expériences Mystiques d'hier et d'aujourd'hui* (EQM e Experiências Místicas Passadas e Presentes), costuma tratar em seu site (www.daniellevermeulen.com) de temas como “o perdão e os últimos dias de vida” e “os mais recentes avanços nos cuidados médicos de pessoas em coma”.

Pesquisadora da evolução da crença na vida após a morte há 20 anos, já reuniu uma centena de testemunhos de Experiências de Quase-Morte (EQM) e se tornou também uma referência nesse tipo de pesquisa, com publicações sobre o tema em livros, artigos de jornal, programas de rádio, conferências e seminários.

Oradora em evento da Associação Médico-Espírita Internacional recentemente, em Genebra, na Suíça, ela falou sobre o tema Coma e Neuroplasticidade Cerebral.

Folha Espírita – Madame Vermeulen, por que a senhora optou por esse tema social?

Danielle Vermeulen – Não fui eu, foi a Experiência de Quase-Morte (EQM) que me veio procurar...

FE – Há quanto tempo começou com esse tipo de pesquisa? E como chegou às suas conclusões científicas?

Danielle – Comecei há 20 anos. O meu objetivo como pesquisadora era a evolução da crença na vida após a morte, na sociedade francesa.

FE – Em sua família, já havia alguém interessado nesse tema?

Danielle – Não.

FE – Foi por acaso uma experiência sua?

Danielle – Não, não foi. Eu estava na Universidade da Sorbonne, em uma aula, quando um professor me pediu que lhe procurasse ao seu término. Ele queria me propor que trabalhasse em um tema, respondi que eu não queria fazer nenhuma tese, mas mesmo assim ele insistiu que fosse vê-lo. Assim o fiz. Nessa época eu estava terminando a minha tese de Psicologia Social, trabalhando sobre a representação social da assistência social na sociedade francesa. Nada a ver com a EQM, nem com a morte, nem com coisa alguma. Bem, fui me encontrar com o professor depois da aula e ele me informou que havia sido criada uma associação na França, nos moldes já existentes nos Estados Unidos, para a pesquisa de Estados de Quase-Morte e que gostaria de me contar entre os integrantes dessa equipe de pesquisa.

FE – O que aconteceu após esse encontro?

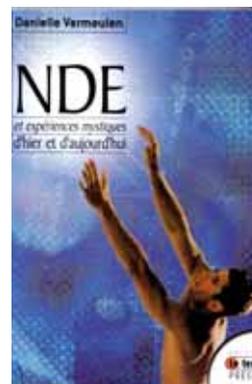
Danielle – Após esse encontro fui dormir na casa de minha irmã, encontrando um livro em sua biblioteca que levei para ler. O título era *A Vida após a Morte*, de Raymond Moody, um pesquisador pioneiro nessa área. Abri o livro justamente no capítulo que se refere ao Bardo Thödol (o livro tibetano dos mortos). Lendo aquilo, eu pensei: que loucura é essa? Havia muitos anos que eu já trabalhava com o budismo tântrico tibetano. No entanto, somente a partir de então comecei a me interessar por esse assunto. Assim, incluí na minha tese uma comparação entre o Bardo Thödol e a nossa pesquisa com a EQM.

FE – A senhora conheceu o Dalai Lama?

Danielle – Não, mas trabalhei com monges tibetanos. Tive um DEA (Diploma de Estudos



ARQUIVO PESSOAL



Danielle é pesquisadora da crença na vida após a morte há 20 anos

Aprofundados) na universidade francesa, que é o ápice que se pode alcançar. Também obtive um DEA em Filosofia Hinduísta e Budista e em Antropologia das Religiões. Em seguida, fiz uma comparação entre Sta. Teresa d'Avila e St. Jean de la Croix. Interessava-me a comparação entre a EQM e a experiência mística. Comecei com a antropologia a partir do xamanismo. A experiência xamanística iniciou-se na pré-história. Se lerem o meu livro, vão ver que o primeiro capítulo trata justamente das pinturas rupestres da pré-história, encontradas em cavernas e grutas. Na Gruta dos Três Irmãos, por exemplo, os corredores têm quase um quilômetro de comprimento. As pessoas que fizeram as pinturas tiveram de se movimentar agachadas, pela falta de espaço, e com uma tocha que consumia o oxigênio. Essa situação de má oxigenação cerebral criava um fenômeno que induzia a um estado alterado de consciência. Creemos que esses pintores expressaram as visões que eles tinham.

FE – Dessas experiências que nos relatou hoje aqui, a senhora fez experiências em outros países?

Danielle – Eu fiz experiências de coma na França, na Suíça e na Bélgica.

FE – Como seria o modelo dessa associação que a senhora deseja criar no norte da França?

Danielle – Seria com as famílias que têm pessoas idosas, pais, ou mesmo crianças que estão em coma ou em estado vegetativo. Esta é a meta! São as próprias famílias que fundariam a associação, da qual eu participaria apenas como conselheira. Essas famílias querem criar essa associação, para ter um intercâmbio entre elas, para trocar experiências e transmitir as descobertas que fizeram com a pessoa doente. Desejam transmitir competências, maneiras de estimular o comatoso, etc.

FE – Seria como uma sala separada da UTI, em que haveria outras formas de estimulação?

Danielle – Não. Seria simplesmente uma

associação com uma biblioteca para as famílias a fim de mantê-las informadas e capacitadas para trocar ideias com enfermeiros, para que estes se questionem. Essa associação poderia ser igualmente útil à equipe médica, para informação sobre tratamentos, visando melhorar a situação dos pacientes, sobretudo, para que eles não sejam abandonados como se já estivessem mortos, sem qualquer tipo de estimulação. Esse é o objetivo!

FE – Que mensagem a senhora gostaria de deixar aqui?

Danielle – Quero destacar a experiência já adquirida na área, que ensina que os pacientes que saem do coma descrevem o que escutaram e viram. São relatos impressionantes, plenos de minúcias que em parte podemos comprovar. Eles percorreram o túnel e voltaram. Seria um absurdo considerá-los como estando mortos. Há que estarmos atentos, pois eles ouvem e veem tudo o que se passa à sua volta. Estão vivos! Precisamos estar conscientes da importância de nossas atitudes e palavras. É preciso fazer os testes utilizando os aparelhos de IRM (Imagem de Ressonância Magnética) e todos os recursos que tivermos à nossa disposição. E não dizer aos parentes, com descaço, “ele já está morto, decidam-se se já podemos tirar seus órgãos”. Eu não sou radical, às vezes faz sentido desligar os aparelhos, mas precisamos de testes válidos que mostrem que zonas do cérebro se encontram afetadas e precisamos determinar quais reagem à estimulação. É preciso decidir com conhecimento de causa. Recomendando a leitura do fascinante livro de Norman Doidge, *The Brain that changes itself*, que comprova a extraordinária capacidade de transformação do cérebro sob a influência do pensamento e da vontade.

FE – A senhora pensa que seria bom que se desse maior ênfase à neuroplasticidade nas faculdades de medicina?

Danielle – Espero que sim! É nesse sentido que direciono meus esforços, e não ganho dinheiro com isso.

ESPIRITISMO NA WEB

Espiritismogi

www.espiritismogi.com.br

Em dezembro de 2001, partindo de uma necessidade de maior divulgação da Doutrina Espírita na cidade de Mogi das Cruzes e região do Alto Tietê, em São Paulo, o site foi criado com um conteúdo totalmente espírita que pudesse oferecer cultura, diversão, estudo, arte, consolo espiritual e principalmente a integração dos espíritos no Brasil e no mundo. Acesse e divulgue!



EDUCA A TUA ALMA



Sandra Marinho
é palestrante do Grupo Espírita Cairbar Schutel e
apresentadora do programa Portal de Luz

Nossos “velhos”

O tema de hoje são os nossos “velhos”. De forma alguma me refiro aos velhos no sentido pejorativo. Digo em tom carinhoso a exprimir nosso afeto, nossa admiração e nosso respeito a quem nos deu a oportunidade da vida presente, depois de Deus. Sim, estamos falando dos nossos pais, e de nossos avós também!

Quando estou no ônibus ou no metrô e vejo os assentos reservados para as pessoas idosas, e no aviso logo acima do banco se lê o número da lei que assim determina, sempre penso: ceder o lugar para os mais velhos deveria ser prática supernatural e corriqueira, de modo que uma lei garantindo esse direito nem passasse por nossos pensamentos. Ela seria totalmente desnecessária.

E pergunto: quantas encarnações mais precisarei viver para ver isso?

O mandamento de Deus “Honrar seu pai e sua mãe” continua mais vivo que nunca nos nossos dias.

Quem já leu *O Evangelho*

“

As pessoas não sabem lidar com o fato de que algum dia precisarão, de certa forma, agir como o pai ou a mãe dos nossos pais

”



Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, na parte em que interpreta essa máxima, verá que honrar pai e mãe é, além de respeitá-los, cuidar deles, ter gratidão, poupá-los dos dissabores no crepúsculo da vida. Não sobrecarregá-los com fardos que nos compete carregar. Ampará-los na velhice quando o corpo já não demonstra o vigor da juventude.

Tudo isso parece lógico. E, certamente, no seio de muitas famílias, cuidar dos mais velhos é natural e gratificante, considerando que é uma oportunidade de retribuir tudo o que recebemos de nossos pais. Mas não é bem isso o que acontece, comumente e infelizmente.

Minadas pelo egoísmo, muitas pessoas não sabem lidar com o fato de que um dia precisarão, de certa forma, agir como se fossem pai ou mãe de seus pais.

Outro dia li uma crônica escrita pelo jornalista Walcyr Carrasco para a revista *Veja*, intitulada “Quando o filho vira pai”. O autor do texto

fazia exatamente uma reflexão sobre o fato de algum dia termos de cuidar dos nossos pais.

No artigo, ele contava sobre um amigo cuja sogra começou a ter alguns lapsos de memória. Em seis meses a senhora havia piorado muito, já não se lembrava de fatos corriqueiros e, com frequência, dizia verdades do passado até então guardadas em segredo, causando constrangimento a toda a família.

Conta-nos Carrasco que o amigo chegou para ele e perguntou:

– Em sua opinião, o que a gente deve fazer?

E ele respondeu prontamente:

– Cuidar dela.

Então o amigo reagiu com surpresa:

– Nós não vamos suportar!

Empresto do jornalista a reflexão que fez, que vem ao encontro também das nossas reflexões sobre este assunto. O autor ponderou: “Fui educado por meus pais. Gostaria de ter tido mais dinheiro,

MÚSICA

Doce Recordação
Letra e música
Anna Giorgetti Graçiano

so mos dá e vin grã za ção e qui es ta mos
para apren- der. O e van de Tho de Je sus e a RTE
e mi to a gra de cer. As ho ras que a qui pas-
sa mos i re mos ses pre re cor dar. Do a
mor e do ca. Prio que encon tra nos de todos que aqui vem nos ensi-
nar. To dos juntos sempre u- ntos a can- tar ba tán
pai mas a te gri a e ge ral.

PAPO CABEÇA

Em 2013 vamos celebrar

Em 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta Contra a Aids, um novo alerta foi dado aos jovens brasileiros: o Brasil registrou 38,8 mil novos casos de aids em 2012, sendo mais da metade entre os jovens de 15 a 24 anos.

Os dados mostram que falta aos jovens brasileiros o conhecimento de informações básicas. Quatro em cada dez jovens brasileiros acham que não precisam usar camisinha em um relacionamento estável. Além disso, três em cada dez ficariam desconfiados da fidelidade do parceiro caso ele propusesse sexo seguro. A conclusão é da pesquisa Juventude, Comportamento e DST/Aids,

realizada pela Caixa Seguros, com o acompanhamento do Ministério da Saúde e da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas). O estudo ouviu 1.208 jovens, com idades de 18 a 29 anos, em 15 Estados.

O diálogo é fundamental

Em entrevista à *Agência Brasil*, o coordenador da pesquisa, Miguel Fontes, destacou que o grau de escolaridade dos jovens também influencia na adoção de atitudes e práticas responsáveis em relação ao sexo seguro. Outra constatação, segundo ele, é que ter pais ou profissionais de Saúde como principais fon-

tes de informação sobre sexo é um fator determinante para que os jovens adotem melhores práticas em relação a DSTs.

“Notamos que os jovens menos vulneráveis são aqueles que conversam com os pais sobre sexualidade e que têm maior escolaridade. Mas pouquíssimos conversam com os pais sobre isso e a maioria não está estudando, repetiu alguns anos na escola. Embora eles não percebam, essa vulnerabilidade em relação à aids existe e é latente”, disse.

Recomendações das autoridades

As recomendações feitas

CANTINHO DO EVANGELIZADOR

Walther Graciano Júnior
é pedagogo

Educação e ação: caminhos para um mundo melhor

quando eles eram vivos, para lhes oferecer uma condição melhor, ou o conforto que não chegaram a ter. Quando criança, precisava do apoio dos meus pais. Quando envelhecera, precisaram do meu. Em maior ou menor medida é assim para todos nós.” E perguntou: “Por que a dúvida?”

O autor observa ainda que muitos dos seus amigos não aceitam a fragilidade dos pais, ou colocam em primeiro lugar seus próprios desejos.

Realmente me questiono: por que tanto sofrimento em negar apoio aos pais, se podemos, com carinho e otimismo, encontrar maneiras de cuidar dos nossos velhos, cedendo um pouco, sim, mas de consciência tranquila e felizes por estarmos tendo a oportunidade de servir àqueles que nos serviram nos principais momentos das nossas vidas, dando tudo o que eles podiam nos oferecer?

Melhor não nos enganarmos. Enfrentar a vida é muito mais seguro e melhor para a nossa felicidade!

Estamos iniciando mais um ano de trabalho nos grupos de evangelização infantojuvenil. E quando chega o ano novo começamos a idealizar um mundo melhor. Um mundo onde reine paz, honestidade, respeito. Esse é o sonho de todos nós. Mas será que isso é possível? Qual o melhor caminho para alcançarmos o objetivo maior? Não há outro caminho senão a educação. A educação é o maior remédio para a cura de todos os males da humanidade, sobretudo no período de transição em que o planeta Terra se encontra.

No ano de 1996 o coordenador especial para a educação da Unesco, Jacques Delors, publicou o livro *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. A obra, também conhecida como *Relatório Delors*, é resultado de uma série de reuniões com autoridades de diversas áreas do conhecimento, como meio ambiente, sociologia, economia e educação. Um livro que, segundo estudiosos dos assuntos abordados, serviria para nortear as atitudes a serem tomadas no novo milênio. Na segunda parte da obra, há um capítulo intitulado “os



quatro pilares da educação”, no qual Delors traça os quatro tipos fundamentais de aprendizagem. Segue abaixo uma síntese dos quatro pilares:

Aprender a conhecer: estimula o prazer de compreender, de conhecer, descobrir e construir o conhecimento.

Aprender a fazer: relaciona-se ao investimento nas competências pessoais para que as pessoas tenham as habilidades necessárias para acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.

Aprender a conviver: é um dos maiores desafios da edu-

cação, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de se administrar conflitos por meio da violência.

Aprender a ser: refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.

A prática pedagógica espírita, afinada com os quatro pilares da educação, convida-nos a refletir sobre os rumos da evangelização espírita infantojuvenil para o terceiro milênio. Lem-

bramos vivamente a orientação em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo.” E é através do conhecimento que o homem se liberta.

Quando temos o cérebro instruído através do estudo, e o amor através da convivência fraterna, não podemos nos esquecer da ação através das “mãos operosas”.

Ao iniciarmos nossos planejamentos para o próximo ano, devemos traçar planos bem definidos, para não ficarmos somente no campo das ideias, e termos garra nos compromissos assumidos.

Fé, esperança, vontade, motivação e ação nos fazem caminhar rumo à evolução.

Feliz ano novo de trabalho para todos!

Fonte: DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. UNESCO, 2006.

a vida



pelo estudo incluem maiores investimentos em conteúdos de qualidade sobre sexo e aids na internet; programas sociais que tenham a juventude como público-alvo e que envolvam a família dos participantes; estreitar laços com professores que trabalham com jovens, a fim de proporcionar algum tipo de formação ou capacitação para tratar temas relacionados a DSTs e aids; e massificar a informação de que existe uma relação direta entre o consumo de álcool e o aumento da vulnerabilidade dos jovens em relação ao sexo seguro.

Mocidades espíritas

As mocidades espíritas do Brasil e do exterior, empenhadas que são na defesa da vida, podem colaborar com a campanha de prevenção, oferecendo aos jovens, crianças e seus familiares informações corretas sobre o HIV e a aids, prevenção, formas de tratamento, estigma, discriminação e outros temas relacionados.

Precisamos acabar com a falta de informações básicas que levam os jovens a um grupo de risco cada vez maior. Segundo orientação do benfeitor espiritual Emmanuel, no livro *Vida e Sexo*, psicografia de Chico Xavier, em relação ao sexo: “Não abstinên-

cia imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência.”

Em 2013 vamos celebrar a vida! (WGJ)

Fontes: Folha de São Paulo. *O Estado de São Paulo*. Livro: *Vida e Sexo*, Emmanuel, psicografia de Chico Xavier. Folha Espírita, edição nº 460, julho de 2012, *Mocidade em dia com a leitura*, www.folhaespirita.com.br

ARTIGO



W.A. Cuin

é administrador de empresas, escritor e pres. da Associação Beneficente Irmão Mariano Dias, em Votuporanga (SP)

O que estamos fazendo com as lições de Jesus

“Quem quer ser o primeiro, que seja o último de todos e o servidor de todos.” (Jesus – Mateus, 9:35)

Tem muita importância o destaque que fazemos das profundas lições de Jesus e muito valor os estudos e as reflexões que realizamos sobre elas, mas imprescindível se torna que as coloquemos em prática, em nosso cotidiano, se realmente temos interesse na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

Com frequência, louvamos a cura que o Cristo fez ao cego de Jericó, devolvendo-lhe a visão, atendendo ao doloroso apelo daquele necessitado. Obviamente, não conseguiremos fazer um cego voltar a enxergar, mas não estamos impedidos de conseguir colírio para aliviar, pelos menos um pouco, os pro-

blemas visuais dos irmãos que seguem doentes dos olhos.

Com entusiasmo, aplaudimos o feito do Cristo ao devolver os movimentos físicos ao paralítico de Cafarnaum, todavia nem sempre estamos dispostos a socorrer os deficientes físicos carentes que necessitam de amparo e recursos técnicos.

Com euforia, elogiamos a multiplicação de pães e peixes, quando o Mestre saciou a fome de enorme multidão, mas nem sempre temos vontade e disposição para oferecer uma cesta básica de alimento a uma mãe desesperada, que sofre ao ver a panela vazia e os filhinhos a implorar-lhe comida.

Com emoção, sensibilizamos-nos diante da beleza do Sermão da Montanha, no entanto temos imensas dificuldades em



visitar um lar que a tragédia abateu, conduzindo algumas palavras de consolo e proporcionando momentos de fraternidade e alívio.

Com admiração, discursamos sobre a postura de Jesus em relação à mulher adúltera, porém em inúmeras oportunidades nos faltam a coragem e a humildade para perdoar aqueles que, porventura, nos ofenderam ou para pedir perdão a quem ofendemos.

Com reverência, estudamos o encontro do Cristo com Zaqueu, mas apresentamos dificuldades em dispor dos nossos recursos financeiros ou diminuir um pouco o nosso conforto para aliviar o padecimento e as aflições dos irmãos que seguem pela vida em situação de penúria.

Com profundo respeito,

ARTIGO



Carlos Durgante

é médico geriatra e membro da Associação Médico-Espírita do Rio Grande do Sul (AMERGS)

A arte de viver a idade da espiritualidade

No empenho de tornarmos a vivência da velhice um período de vida generoso e gratificante, há uma necessária e intransferível condição: precisamos ter um espírito entusiasmado com a vida!

Os valores materiais que suportam a sustentam são efêmeros e não preenchem os vazios existenciais, nem as perdas ou os mais variados “lutos” vivenciados nessa fase da vida.

De todos os ciclos que compõem a nossa vida, nenhum outro reacende a questão da transcendência e da imortalidade tanto quanto a velhice. Léon Denis, no livro *O Grande Enigma*, afirmava que “a velhice é visitada pelos espíritos do invisível, tem iluminações instintivas; um dom maravilhoso de adivinhação e profecia; é a mediunidade permanente e



seus oráculos são o eco da Voz de Deus”.

Essa dimensão religiosa ou espiritual que é inerente a cada um de nós e que, em determinados períodos da nossa vida, pode não ter tido nenhuma importância ou relevância, pode se tornar fundamental e determi-

nante do bem-estar existencial exatamente na terceira idade.

Essa dimensão espiritual é uma força propulsora na busca do sentido da existência, dos mistérios do transcendente, da compreensão dessa essência como semente divina que habita em cada um. A espirituali-

dade que cada um possui e que com o passar do tempo se torna um fundamento importante, é capaz de transmitir vitalidade e significados aos momentos bons e ruins da vida. Essa dimensão religiosa pode ser aplicada como um mecanismo de esperança e força no enfren-

tamento das dificuldades e das doenças inerentes ao processo de envelhecimento.

Nessa busca pessoal por respostas a questões essenciais relativas à vida, à morte e à evolução, a Doutrina Espírita reveste-se de seu “manto” consolador. Léon Denis, em seu primoroso livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, já afirmava que “deveríamos ver na pluralidade das existências da alma a condição necessária da sua educação e de seus progressos”, pois para esse grande filósofo espírita, que vivenciou a velhice, seria a lei dos renascimentos que melhor explicaria e completaria o princípio da imortalidade.

Por esse entendimento, por essa compreensão de que muitas vidas tivemos, muitas outras tantas ainda viveremos, de

RIR E REFLETIR

Richard Simonetti
é escritor e presidente do Centro Espírita Amor e Caridade, em Bauru (SP)

meditamos sobre a recuperação de Lázaro, sob os influxos das mãos de Jesus, no entanto nem sempre estamos dispostos a socorrer, com médicos e remédios, os doentes pobres e solitários que sofrem sob os nossos olhares.

Com exaltação, discorremos sobre o momento em que o Mestre aplacou a tempestade que ameaçava o barco em que viajava com os discípulos, mas em oportunidades várias vacilamos em aplacar a ira ou o ódio abrigados em muitos corações revoltados e em desequilíbrio.

Com indignação, refletimos sobre o diálogo de Jesus com Nicodemos, quando este doutor da lei, temendo pela sua reputação, preferiu encontrar o Mestre na calada da noite, entretanto, com frequência, por timidez ou má vontade, não nos dispomos a trabalhar por uma boa causa que contraria o interesse da maioria.

Com sensibilidade, vislumbramos a calma e a serenidade

de Jesus diante da sua crucificação, mas de nossa parte é comum o nosso desespero e desequilíbrio diante de situações adversas e complicadas, que nos exigem um pouco mais de fé e maturidade espiritual.

Com fervor, falamos da entrada triunfal do Cristo em Jerusalém, quando grande multidão o seguiu, todavia em infundáveis situações deixamos de triunfar diante dos nossos compromissos em favor dos menos favorecidos devido à chuva, frio, pequenos incômodos físicos e outros, totalmente superáveis com boa vontade e determinação.

Incontestavelmente, precisamos estudar, comentar, admirar e aplaudir as inquestionáveis lições de Jesus Cristo, no entanto, muito mais que isso, com urgência, devemos colocá-las em prática se temos a intenção de progredir espiritualmente e de contribuir para a edificação de um mundo melhor.

Refletamos...

que toda a ação por nós realizada, por menor que seja, tem seu efeito, e de que, muito provavelmente, seja essa a nossa primeira oportunidade de vivenciar a velhice, o nosso compromisso moral com a evolução desse espírito é imenso e intransferível.

A responsabilidade em transpor e transmutar o que pode ser visto como uma perda, uma dor, ou um sofrimento, em ganhos, em atos de coragem e esperança, surge como um imperativo àqueles que encontram na fé que professam sua maior motivação.

A vivência da velhice, nesse momento de transição planetária pelo qual estamos passando, deve ser vista como um carinhoso presente que o Criador nos facultou. Estamos sendo convidados a vivenciar, por meio dela, os mais diversos sen-

timentos, as mais profundas reflexões desse livro, escrito ao longo da vida, que vem nos revelar que o nosso destino é eterno, que se constrói a partir das sucessivas reencarnações desse espírito até o ponto de elevação moral em que não mais precisará dessa roupagem corporal.

Pois bem, estimados leitores, os desafios do envelhecimento são muitos, e até árduos, mas eles nos convocam a uma atitude comprometida com a vida para que possamos usufruir de uma qualidade e dignidade no tempo restante da existência física.

Quem está a caminho da velhice, ou nela já se encontra, deve manter o seu espírito o mais entusiasmado possível com esses desafios, com essa difícil, mas gratificante arte de bem viver a idade da espiritualidade!

Cresceremos também

Quando Jesus transitou pela Terra, ensinando e exemplificando o amor, fez-se acompanhar de espíritos superiores que teriam a tarefa de aqui sedimentar a grandiosa revelação. Sem eles a mensagem se perderia, por falta de gente disposta a vivenciá-la.

Ao surgirem as perseguições à doutrina nascente, esses valerosos desbravadores demonstraram sua elevação moral, submetendo-se ao menosprezo público, à prisão, às torturas, à própria morte, para que o Evangelho triunfasse.

Um detalhe, leitor amigo: ao serem presos por mera suspeita de sua crença, muitos poderiam perfeitamente livrar-se da prisão, informando:

– Há um engano, “seu” guarda. Não sou cristão, nunca fui. Sou um fiel súdito de Roma!

Os espetáculos sangrentos no Circo Romano, em que os cristãos eram trucidados por feras famintas ou transformados em tochas vivas, para deleite de multidões cruéis, ávidas de sangue, são uma demonstração eloquente de seu denodo e coragem.

No livro *Paulo e Estêvão*, obra-prima da literatura mediúnica, psicografia de Chico Xavier, temos exemplos marcantes do espírito de sacrifício da primitiva comunidade cristã, composta por homens e mulheres dispostos a regar com seu suor e seu sangue a árvore nascente do Cristianismo, para que o Evangelho se estabelecesse na Terra como supremo marco de luzes, como alicerce para a edificação do Reino de Deus.

Vale destacar Paulo de Tarso, o inesquecível Apóstolo dos Gentios, o mais ardoroso e eficiente divulgador dos novos princípios.

O autor espiritual, Emmanuel, descreve o supremo testemunho de Paulo, quando foi decapitado a mando de Nero. Oportuno lembrar o final da cena dramática:

Ao chegar no local indicado, o sequaz de Tigelino desembainhou a espada, mas, nesse instante, tremeu-lhe a mão, fixando a vítima, e falou-lhe em tom quase imperceptível:



Temos na Doutrina Espírita um glorioso movimento de renovação para a humanidade



às obrigações grosseiras da vida transitória. Chorai por vós, sim, porque eu partirei buscando o Senhor da Paz e da Verdade, que dá vida ao mundo; ao passo que vós, terminada vossa tarefa de sangue, tereis de voltar à hedionda convivência dos mandantes de crimes tenebrosos da vossa época!...

O algoz continuava a fitá-lo com assombro e Paulo, notando a tremura com que ele empunhava a espada, concitou resolutamente:

– Não tremais!... Cumpri vosso dever até ao fim!

E Paulo morreu decapitado. Ficou o exemplo de um caráter indômito, disposto a enfrentar a morte para manter fidelidade aos seus princípios.

Na atualidade, temos na Doutrina Espírita um glorioso movimento de renovação para a humanidade, sob a inspiração do Cristo, que anunciou seu advento na última oportunidade em que esteve com os discípulos.

Conscientes dessa realidade, que temos feito pelo Espiritismo?

Oferecemos nossos préstimos às organizações espíritas de divulgação e ação social?

Participamos dos serviços de auxílio ao próximo?

Colaboramos em campanhas de divulgação?

Contribuímos pecuniariamente para a manutenção das casas espíritas?

Participamos de reuniões mediúnicas?

Frequentamos cursos de Espiritismo e mediunidade?

Prestigiamos as reuniões públicas?

No passado, os discípulos de Jesus imolavam-se no Circo Romano em favor do Cristianismo. Hoje não é preciso tanto.

Não nos pede a Doutrina a própria vida.

Apenas que lhe dediquemos parte dela.

Assim, o Espiritismo crescerá sempre, como glorioso movimento de renovação para a humanidade.

O melhor, nesse empenho, é que cresceremos também.

– Lastimo ter sido designado para este feito e intimamente não posso deixar de lamentar-vos...

Paulo de Tarso, erguendo a fronte quanto lhe era possível, respondeu sem hesitar:

– Não sou digno de lástima. Tende antes compaixão de vós mesmos, porquanto morro cumprindo deveres sagrados, em função da vida eterna; enquanto que vós ainda não podeis fugir

ATUALIDADE

Cláudia Santos

Fé e cura

Jesus foi o maior curador do corpo e do espírito que já conhecemos na Terra. Ele foi capaz de nos mostrar a cura através da fé. Sempre dizia: "Tua fé te curou."

Reconhecido pelas suas faculdades curadoras, por meio da mediunidade de efeitos físicos, do passe e das sessões de desobsessão, Chico Xavier foi um grande exemplo na orientação e socorro aos enfermos. "O remédio é um ponto de vista, mas quem cura mesmo é Jesus; precisamos confiar nele", costumava dizer.

Mas, afinal, por que a cura espiritual acontece para alguns e para outros não? Por que nem sempre há cura? O neurologista e presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP), Mário Peres, que levou o tema à última jornada da entidade, em novembro, na capital paulista, explicou o porquê à *Folha Espírita*.

Folha Espírita – O que são as curas espirituais?

Mário Peres – São curas de doenças atribuídas a alguma intervenção espiritual.

FE – Existe uma regra para que elas aconteçam?

Peres – Não existe regra para a sua ocorrência, mas depende do tipo e grau da doença, do tipo de intervenção espiritual realizada e da participação, crenças e merecimento da pessoa envolvida.

FE – Quais tipos de indivíduos podem sofrer alguma intervenção espiritual e cura?

Peres – Qualquer tipo de doença pode se beneficiar de uma intervenção. Se não for possível a cura, a qualidade de vida pode melhorar.

FE – Quais hábitos favorecem curas?

Peres – Hábitos saudáveis como boa alimentação, sono, atividade física, humor e ansiedade equilibrados, tempo livre para lazer, não fumar e não beber excessivamente, além de cultivar a espiritualidade como forma de equilíbrio.

FE – Por que alguns indivíduos são beneficiados e outros não?

Peres – Como em qualquer doença, existem quadros mais leves e mais graves. É muito menos provável que um estágio terminal de uma doença se beneficie de uma cura do que quando ele estiver no início. O tipo de tratamento, envolvimento pessoal e merecimento também contam muito.

FE – Apenas pessoas ligadas a algu-



ma religião podem ser beneficiadas?

Peres – Qualquer pessoa pode ser beneficiada, independentemente da sua afiliação religiosa.

FE – Terapias complementares auxiliam em curas? Quais? Por quê?

Peres – Existem diversas terapias complementares benéficas, divididas em terapias físicas, biológicas, baseadas no corpo, na mente e energéticas (como o passe, reiki e tantas outras).

FE – Do que consta o tratamento espírita?

Peres – A terapêutica espírita baseia-se na evolução espiritual, moral do indivíduo, sendo utilizadas as técnicas do passe, desobsessão, fluidoterapia e leituras.

FE – Quais tipos de sentimentos podem prejudicar o tratamento/cura espírita?

Peres – A barganha é algo comum de se ver. O paciente condiciona a sua crença, a sua mudança de postura, a um evento mágico, um sinal, que normalmente não aparece. Ai ele se frustra, se deprime, desiste dos tratamentos, e tudo piora. É preciso persistência e humildade.

FE – Como fica a questão do carma diante da cura espiritual?

Peres – Entendendo-se o carma como algo que pode ser mudado com atitudes, pensamentos, e não como algo estancado, determinado, que nada pode ser feito para ser alterado.

FEESP



Peres é presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo

A cura espiritual

Comece orando.

A prece é luz na sombra em que a doença se instala.

Semeie alegria.

A esperança é alegria no coração.

Fuja da impaciência.

Toda irritação é desastre magnético de consequências imprevisíveis.

Guarde confiança.

A dúvida deita raios de morte.

Não critique.

A censura é choque nos agentes da afinidade.

Conserve brandura.

A palavra agressiva prende o trabalho na estaca zero.

Não se scandalize.

O corpo de quem sofre é objeto sagrado.

Ajude espontaneamente para o bem.

Simpatia é cooperação.

Não cultive os desafetos.

Aversão é calamidade vibratória.

Interprete o doente qual se fosse você mesmo.

Toda cura espiritual lança raízes sobre a força do amor.

André Luiz, em *O Espírito da Verdade* (cap. XXVI – item 1)